

**Comentário de Daniel Laurent
(Outubro de 2005)**



História da introdução do Aikido em Portugal

No dia 14 de Outubro de 2005, encontro-me de visita ao Brasil participando num intercâmbio com alguns colegas ligados à psicossomática oriental e suas relações com a medicina ocidental e chinesa. Imaginem qual não é a minha surpresa quando uma noite me perguntam se sou aquele “Daniel Laurent” referido nos sites portugueses da Internet relacionados com a introdução do Aikido em Portugal nos anos sessenta. Esta observação repentina leva-me a recuar no tempo quarenta anos... Nunca tinha evocado este episódio da minha vida senão aos meus filhos e a alguns íntimos, mas a magia da *Internet* é cruel para quem gosta de discrição. Ligo-me então à *Internet* e após ter

introduzido o meu nome no *Google* Brasil verifico efectivamente a existência de alguns documentos sobre Aikido onde o meu nome é citado. O primeiro é uma entrevista com o Professor Leopoldo Ferreira: http://www.cao.pt/surya/pe_12_2.htm/. O segundo uma breve resenha sobre a história do Aikido em Portugal: <http://ubu.no.sapo.pt/Historia.htm/>. O terceiro é uma entrevista com o Professor Luís Antunes: http://www.cao.pt/surya/pe_11_3.htm/. O quarto é a entrevista do Professor Georges Stobbaerts, ele próprio: http://www.cao.pt/surya/pe_17_1.htm/.

Não vou mais longe. Fecho os olhos, revejo esse passado e preparo-me para deixar a *Internet*, mas reconsidero... Algumas omissões na história, alguns erros do tipo "ele era belga" (não tenho nada contra os belgas, mas simplesmente nunca fui belga), fazem-me ficar preocupado sobre o crédito a dar ao que contam uns aos outros. Leio mesmo opiniões pouco abonatórias: "Daniel Laurent não tinha técnica, era cinto amarelo ou laranja, e foi por isso que o verdadeiro pioneiro foi o Senhor Engenheiro Carlos Manuel Pereira..." É demais e decido dar a minha versão dos factos.

A Origem

Vivi a minha infância em Casablanca, Marrocos. Foi lá que conheci Georges Stobbaerts. Ele tinha mais seis anos que eu, a mesma idade do meu irmão mais velho. Hoje ela não representa grande diferença, mas quando se é criança ou adolescente, ela parece considerável. Ele ensinava Aikido num *dojo* da cidade, e mais tarde, numa escola em que fiz a minha escolaridade até ao quarto ano do ensino secundário francês. Nessa época em que pratico Aikido com Georges, ele enriquece a sua prática com o Hatha Yoga, o Iaido e o Kendo. Georges Stobbaerts é uma personagem fascinante, que de qualquer forma fascina o adolescente que eu era na altura. Para que compreendam isto,

irei relatar apenas um episódio, do qual tenho pena de não poder dar a data com precisão. Tal não é importante, pois há sempre a hipótese de se poder conferir mais tarde, e se faço questão de contá-lo é simplesmente para que se compreenda melhor porque mais tarde fui procurá-lo em Marrocos, para que ele viesse intervir em Portugal. Georges treinava o Iaido e o Kendo, sozinho, muitas vezes com um cabo de vassoura e frente a um grande espelho que se encontrava no *dojo*. Como a maior parte das pessoas em início de carreira, não tinha grandes posses, mas desejava mais uma vez ir ao Japão. Aproveitou a organização naquele país dos primeiros Campeonatos do mundo de Kendo para se tornar, graças às suas relações, o representante de Marrocos nesses campeonatos. E o que pensam que aconteceu? Foi-me contado que ganhou a competição sempre com o mesmo ataque. Não sei se é exacto (alguns afirmavam mesmo que tinha ganho a medalha de ouro), mas em todo o caso lembro-me que os japoneses vieram a seguir filmar os seus treinos. Mas foi impossível explicar-lhes a vassoura e o espelho! Que a medalha seja real ou não, não faço ideia, mas a visita das câmaras japonesas é exacto, porque eu estava presente, e esta visita testemunhava o interesse pela extraordinária mestria do *tchi* (jap: *ki* energia) dominada por Georges. É esta mestria que era fascinante. Em suma, na época em que frequentava assiduamente o *dojo*, apenas existiam dois *hakamas* negros sobre o *tatami* (Georges, o Professor, primeiro *dan*, e um velho amigo da sua família, belga como ele, porque se Georges é hoje português na altura ainda era belga).

De Marrocos para Portugal

Em 1966 organizo o repatriamento dos meus pais para Nantes (França). Inscrevo-me na Universidade, mas não me habituo à vida francesa. É então que o meu irmão mais velho me propõe substituí-lo na rádio nacional portuguesa (Emissora Nacional) como locutor e redactor de língua francesa, encarregue da revista de imprensa diária. Aceito. Estava

perto de fazer os meus vinte e um anos. Mas sou um apaixonado das artes marciais. Estou verdadeiramente impregnado do espírito do Aikido transmitido por Georges Stobbaerts. Desta forma, procuro um *dojo* tradicional de Aikido em Lisboa. Mais tarde venho a descobrir que quando temos um Professor como Georges Stobbaerts é difícil de nos adaptarmos a uma outra abordagem. É pelo menos o meu ponto de vista e o que explica porque mais tarde, quando voltei em França abandonei a prática de Aikido. Mas em 1966, estava longe dessa situação! A minha procura de um *dojo* acaba com uma simples constatação: o Aikido ainda não tinha chegado a Portugal! Por outro lado, as artes consideradas como marciais (Karate, Jiu-Jitsu) dependentes do Ministério da Defesa, e aquelas consideradas como simplesmente desportivas (Judo), do Ministério dos Desportos. No entanto, existe um Judo marcial que está integrado no Ministério da Defesa. Contra adversidades, corações ao alto, e assim decido inscrever-me no Karate e no Judo marcial. Os reflexos anteriormente adquiridos estão lá, e tanto a minha forma de cair, de me deslocar ou de utilizar o *ki* do parceiro me denunciam, e o director da Academia de *Budo*, o Doutor Pires Martins, fica admirado, interroga-me, e interessa-se pelos meus apenas quatro anos de Aikido, e propõe-me iniciar uma aula para principiantes. De início, recuso. Ele insiste e diz-me: “Deves lançar-te, o movimento prova-se ao caminhar”. Os outros agentes de ensino de Judo e Karate participam também na conversa e encorajam-me. Proponho então condições, no respeito pelo espírito da tradição que me tinha sido transmitido:

- Ter de encontrar-me com Georges Stobbaerts em Casablanca para lhe pedir a autorização;
- Ser necessário que ele aceite e esteja disposto a deslocar-se, pelo menos uma vez por ano a Portugal, para corrigir as lacunas e as imperfeições do meu ensino;

- Ser igualmente necessário o financiamento da minha viagem;

Após reflectir, o Doutor Pires Martins aceitou as condições. Contrariamente ao que li na *Internet* no texto de Georges, não foi por correio que as coisas foram feitas, caso tenha havido mesmo forçosamente uma troca de correio. Desloquei-me na verdade a Casablanca, e o assunto foi discutido com Georges. Lembro-me das suas palavras:

- A meu respeito: “O *tchi* está no movimento”. Aconselhou-me mesmo a praticar Hatha-Yoga.

- Sobre os eventuais estágios: “Primeiro quero encontrar-me com os responsáveis da Academia de *Budo*”.

Dá-me autorização para ensinar e, para minha grande surpresa, atribui-me o *hakama* e oferece-me de seguida um *hakama*. O início da minha missão está regulado. Regresso a Lisboa, negocie a sua vinda para uma conferência de imprensa e uma demonstração pública. Nessa altura trocamos correspondência. A sua demonstração perante um público que contou com a presença dum ministro e com a televisão não passou despercebida. Não peço uma cópia do filme para mim e recuso-me na altura a ser fotografado, porque seria incorrecto colocar-me ao nível do meu professor... A minha única recordação concreta é o documento da Academia de *Budo* nomeando-me cinto negro primeiro *dan* de Aikido, que eu guardei.

Hoje leio, escrito pela mão de Georges que não passava de um pequeno principiante. Leio também: “Daniel Laurent não tinha técnica”. Alguma vez pretendi o contrário? Mas porquê esta ponta de desprezo? Em quê o facto de ser um “zarolho” sem técnica, ter sido um rei no reino dos cegos da época, e ter dado o gosto de ver e praticar um

melhor Aikido, será desprezível? Em quê, o facto de ter iniciado o processo do Aikido em Portugal, poderia abalar a legenda pessoal de Georges Stobbaerts? Sempre respeitei o Georges. - Sempre me considerei como um simples “encarregado de missão” para o Aikido em Portugal. E a ver como o Aikido se desenvolveu neste país, acredito que desempenhei bem a minha tarefa. Mas voltando a essa época... Tornei-me “cinto negro”... Isso surpreendeu-me, mas tinha que assegurar a minha missão. À tarde, quando as minhas emissões de rádio são gravadas, vou treinar com os cintos negros de Judo e de Karate que vêm praticar comigo num espírito militante. À noite ensino. Por isso sou remunerado pela Academia de *Budo*. Organizo também o primeiro estágio de Georges. Ele quis que fosse um estágio “internacional” trazendo com ele praticantes de Marrocos (franceses e marroquinos) e de Espanha. Infelizmente, apenas posso estar presente espaçadamente devido às minhas obrigações profissionais. O tempo passa, assim como os treinos, e em 1968, deixo Lisboa para retomar os meus estudos universitários em França. Corto com o meu passado em Portugal.

O Silêncio

Georges Stobbaerts não me dá notícias apesar de lhe escrever regularmente para o seu *dojo* em Casablanca. De facto, dir-me-á mais tarde, que não recebeu nenhum correio; apesar de somente ter deixado Marrocos em 1971, para se instalar em Portugal (conforme li recentemente no seu site da *Internet*). Após a revolução dos cravos, adquire mesmo a nacionalidade portuguesa. Do meu lado, procuro, na região onde me instalei, um *dojo* para praticar. Mas, como já referi antes, quando se teve um professor como Georges a adaptação é difícil. Abandono então o Aikido e trabalho o *chi* pela aprendizagem e depois pela prática das agulhas de acupunctura.

O Reencontro

Em 1979, mais de dez anos passados sobre este episódio português, recebo por intermédio do meu editor (Guy Trédaniel) uma carta de Georges Stobbaerts. Reconheceu-me no atlas de acupuntura que publiquei em 1978. Soube também que ensino a psicossomática oriental. Pelo seu lado, ele pratica uma acupuntura sintomática (ligada à medicina) sem ser médico, e pretende ir mais longe. Deseja encontrar-se comigo. Trocamos algumas cartas, depois telefonei-lhe e combinamos um encontro: ele virá ver-me em Lorient, na Bretanha, onde moro. O reencontro foi caloroso. Ele vê-me praticar e faz-me o seguinte elogio que me toca: “pretendes ter parado de praticar Aikido? O teu manuseamento do *tchi* na arte de ajudar os outros atesta o contrário”. Aquilo pareceu-me um pouco contraditório com aquilo que li depois sobre a minha prática do Aikido, mas deixemos isso...! Aceito iniciar Georges na psicossomática oriental, mas é-lhe impossível ir todos os meses de Portugal até à Bretanha, e a transmissão duma arte, qualquer que ela seja, não pode ser feita em algumas horas, mesmo quando somos dotados. A sua experiência do cabo de vassoura e do espelho é um exemplo. É preciso encontrar uma solução.

De regresso a Portugal

Numa reviravolta justa, Georges organiza para mim uma conferência em Lisboa. Apresenta-me a pessoas interessadas pela aprendizagem da psicossomática oriental, médicos e não médicos. É durante esta primeira conferência que me encontro com um italo-português. Ele virá a ser, primeiro, meu aluno, de seguida organizador e gestor das aulas e depois delfim no ensino e um praticante fora de série. Trata-se do meu amigo, o

Dr. Riccardo Salvatore sem o qual nada de durável teria sido possível realizar. Mas é graças a Georges Stobbaerts que no princípio venho regularmente a Lisboa. Sou alojado por ele, dou aulas aos estudantes no seu *dojo* em Cascais e dou-lhe a ele um ensino paralelo privado. Seguindo os meus conselhos, vai posteriormente ao Canadá efectuar um estágio com o professor Leung Kok Yuen.

Depois, cada um seguiu o seu caminho. Continuei em Portugal com Riccardo. Tornei a cruzar-me várias vezes com Georges. Admirei a sua obra em Sintra. Quando me fez visitar o seu *dojo* no ano da Exposição Universal, tínhamos mesmo combinado escrever as nossas recordações. Será que estas poucas linhas serão as premissas? De qualquer maneira nunca poderei agradecer-lhe suficientemente pela circunstância de me ter ensinado na minha juventude a arte de conduzir o *tchi*. Graças a ele, o espírito do Aikido nunca me abandonou, mas as práticas de saúde eram mais o meu instrumento para a gestão do *tchi*. Hoje, com o recuo, mesmo que se pense que não tinha técnica e que o meu nível era medíocre, fico orgulhoso de ter sido esse espermatozóide zanolho e iniciador da chegada do Aikido a Portugal. Nunca pensei que um dia viria a evocar isto tudo. Mas quando se diz algo, convém dizer tudo e isso não me impede de continuar a ser um homem simples e humilde, como também foi escrito a meu respeito.

Epílogo

Dezembro de 2005. Como tenho de me deslocar a Lisboa digo a mim mesmo que é a ocasião para voltar a contactar e encontrar-me com Georges Stobbaerts. Amigos meus informam-me dos seus telefones. Durante três dias, e várias vezes ao dia, telefono: o “mestre” (é assim que o chamam) está sempre ocupado. Consigo falar com a esposa que me diz que o avisará e que ele me irá telefonar... sem resultados! Tento uma última vez.

Ao anunciar o meu nome, o som fecha-se. Acabei por interiorizar que Georges não desejaria falar comigo. Será que tem alguma relação com aquilo que está escrito sobre mim na *Internet*? Será que é porque Georges Stobbaerts pratica agora a acupunctura omitindo algumas das origens da sua formação? Ignoro-o. No entanto, não retiro nada das virtudes que escrevi a respeito dele. Acrescento somente que as pessoas mudam.



Uma grande lei da saúde

De tudo isto retenho a seguinte mensagem positiva: para quem está atento, a vida é a oportunidade de nos lembrar as grandes leis da saúde. Assim, a falta de comunicação é prejudicial, como o é a transformação dos factos em proveito do ego. As consequências são os conflitos e a doença. Espero que o meu amigo de quase cinquenta anos, Georges Stobbaerts, especialista incontestado do *tchi* quando se trata de Aikido, não o tenha esquecido. O mesmo em relação à sua saúde, que desejo resplandecente.

Perdi muitos de vista, outros seguiram-me no estrangeiro e depois desenvolveram as suas próprias estruturas de ensino. Mas sabeis também que com os estudantes que se tornaram praticantes e professores formamos uma grande família na qual, com os antigos, terei o maior prazer de vos receber.

Daniel Laurent (<http://www.daniel-laurent.com/biographie.html>)

Comentários adicionais, recolhidos por testemunhas que presenciaram alguns destes acontecimentos:

- Quando Georges Stobbaerts participou no primeiro Campeonato do Mundo de Kendo é referido que o fez como representante de Marrocos devido às suas relações especiais. Contudo, a informação que foi obtida refere que foi o representante por Marrocos não devido às suas relações pessoais privilegiadas, mas sim porque os participantes eram muito poucos, resumiam-se a dois ou três apenas.
- A prestação de Georges Stobbaerts no primeiro Campeonato do Mundo parece ter-se resumido a uma vitória contra um campeão japonês e não à vitória final na competição, como mencionado por Daniel Laurent. A técnica com que atingiu o adversário, por duas vezes, foi o *tsuki*.

- Não há qualquer prova ou evidência que Georges Stobbaerts tenha ganho medalhas no citado Campeonato do Mundo, de ouro ou outro tipo.
- O canal de televisão japonês que filmou Georges Stobbaerts por ocasião do primeiro Campeonato do Mundo foi o NHK.
- Na época de Marrocos aquando da prática de Daniel Laurent a graduação de Georges Stobbaterts não seria de primeiro *dan*, mas sim segundo *dan* da organização Aikikai.

Daniel Laurent (<http://www.daniel-laurent.com/biographie.html>)

A tradução é da inteira responsabilidade do autor do trabalho “Aikido em Portugal” – Pedro Escudeiro – publicado no Centro de Artes Orientais.